

INVENTANDO A NAÇÃO: ASPECTOS DO NACIONALISMO LITERÁRIO ROMÂNTICO ISRAELENSE PRÉ-INDEPENDÊNCIA, SUAS ORIGENS E CONTRADIÇÕES

INVENTING THE NATION: ASPECTS OF THE ROMANTIC ISRAELI LITERATURE PRE-INDEPENDENCE, THEIR ORIGINS AND CONTRADICTIONS

Léo Ariêh Osorio Carvalho de Oliveira*

Resumo: poderia uma literatura de alguns imigrantes judeus, das mais variadas procedências e falantes nativos de uma miríade de idiomas, produzida em um local cuja soberania política e a autonomia cultural ainda não passava de um ideal, a Palestina, e escrita em uma língua antiga, eminentemente usada em escritos religiosos, com pouquíssimas relações com a vida cotidiana deste grupo heterogêneo, aspirar ao status de uma literatura nacional ou nacionalista, que exprimisse o caráter do povo e suas mais amplas aspirações? Poderia a ideologia política, a herança e as tradições históricas e religiosas, já bastante diluídas no secularismo desde a subida de Napoleão Bonaparte ao poder, elevar tal literatura, e, por conseguinte, tal língua, a este *status*? Partindo destes questionamentos e tomando como base as principais características da literatura romântica em geral, investigaremos os modelos de produção literária, prosa e poesia, do chamado Romantismo Israelense e suas contradições quanto aos pressupostos da estética em questão.

Palavras-chave: Nacionalismo. Romantismo. Hebraico. Poesia. Prosa.

Abstract: could a literature written by some Jewish immigrants, of the most varied origins and native speakers of a myriad of languages, produced in a place whose political sovereignty and cultural autonomy was still nothing more than an ideal, Palestine, and written in an archaic and dead language (at least in speech), eminently used in religious writings, with very few relationships with the daily life of this heterogeneous group to aspire to the status of a national or nationalist literature, which expressed the character of the people and their broadest aspirations? Could political ideology, heritage and historical and religious traditions, already quite diluted in secularism since Napoleon Bonaparte's rise to power, elevate such literature, and therefore such language, to this status? Starting from these questions and taking as a basis the main characteristics of romantic literature in general, we will investigate the models of literary production, prose and poetry, of the so-called Israeli Romanticism and its contradictions regarding the assumptions of the aesthetics in question.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Mestre em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica pela USP (2001). Doutor em Literatura Comparada pela UERJ (2006), com Pós-Doutorado em Estudos da Literatura pela UFF (2020). Professor Associado IV de Língua e Literatura Hebraicas.
Email: <leoariehil@letras.ufrj.br>.

Keywords: Nationalism. Romanticism. Hebrew. Poetry. Prose.

Com a subida de Napoleão ao poder, não só o “Orientalismo” e o “Exotismo” entraram em voga na Europa de fins do século XVIII e início do XIX (o que não deixou, de maneira alguma, de atingir a elite econômica e cultural judaica do continente), como também houve a ascensão, de suma importância para as comunidades judias, da noção, um tanto “equivoca”, de “cidadania”; o que norteou possíveis soluções para a tão esperada (pelos judeus e pelos europeus não-judeus, frequentemente de maneiras diametralmente opostas) “emancipação judaica”.

Tais contradições que serão tratadas pelo ponto de vista de que os fundadores da moderna literatura israelense eram imigrantes da Europa Centro-Oriental para a então Palestina do período de 1886 a 1948, sendo um protetorado britânico de 1920/23 até sua independência em 1948 (criação do Estado de Israel). Este era um grupo heterogêneo, cujos indivíduos tinham como idioma materno vários idiomas judaicos europeus e línguas europeias, mas escreviam em um hebraico que se pretendia bíblico e puro.

Importarão aqui para a escritura deste texto as teorias de Jobim (2020) do *Novo Mundismo*, com as quais pretendo dialogar de maneira mais intensa. Afinal, apesar de mais de quatro mil anos de existência, no período em tela, Israel, ou a Palestina, são também enquadrados pelo mundo ocidental europeu como “novas colônias”). Utilizarei também a *Teoria da Falta* (e pretendo demonstrar que, no caso israelense/judaico, existia também a questão da *abundância*), e a *Teoria da Aclimação* (imigrantes europeus produzindo literatura em “terra nova” e apenas conhecidas por suas descrições escritas e por tradições orais, embora milenares

A ideologia a que me refiro aqui é a Ideologia Sionista, em sua face política e diplomática, tal qual concebida por Theodor Herzl em seus escritos e pregações. Grosso modo, o Sionismo de Hertzl foi um movimento nacionalista judaico escorado nos nacionalismos europeus de meados do século XIX, que resultaria no retorno dos judeus à Palestina, a qual considerava sua pátria ancestral, para que ali construíssem uma nação-estado soberana e judaica. Movimento burguês e diplomático em suas origens, revestiu-se de características socialistas, trabalhistas e coletivistas ao se associar aos movimentos sindicalistas da Europa Centro-Oriental da virada do século XIX para o XX.

Como bem assinala Glassman (1998, p.19), “a moderna literatura israelense não nasceu

em Israel”. Filha direta da literatura da *Haskalá* (iluminismo judaico) da Europa Oriental, em hebraico e em iídiche, seus principais autores (como o Prêmio Nobel de Literatura Shmuel Yossef Agnon), estrearam na literatura e desenvolveram grande parte de suas carreiras na diáspora, imigrando posteriormente. O cunho de suas obras, formalmente heterogêneas, é o de um idealismo romântico, por um lado; às vezes pomposo e grandiloquente, às vezes ingênuo e lírico; mas sempre comprometido, por um lado, com o forjar e o divulgar de uma linguagem e de uma identidade nacionais hebraicas (e não judaicas) e, por outro, com a análise e o debate da realidade contemporânea do povo (leia-se: dos judeus centro-europeus) e de seus dilemas entre a modernidade e a tradição.

Os elementos que eram pretendidos para conferir unidade à nascente literatura eram a ideologia sionista (seja no seu estro bíblico, com as tradições, histórias e religião bíblicas dos tempos de independência dos reinos antigos de Israel e Judá, ou, minoritariamente, com um foco mais político, como nos romances *Nova e Velha Pátria* e o ensaio/romance/panfleto *O Estado dos Judeus*, de Hertzl; estes, curiosamente, mas não sem um propósito, escritos em alemão), pretensões à Terra de Israel como lar ancestral judaico e o idioma hebraico (nesta altura compreendido em toda sua plenitude por uns poucos ilustrados judeus).

Haskalá (ilustração, iluminação, em hebraico) foi um movimento intelectual judaico de meados do século XVIII e XIX, surgido na Alemanha, inspirado nos iluministas e enciclopedistas franceses do século XVIII. Pregava a modernização da vida judaica e a adesão dos judeus aos modos de vida de seus países de nascimento e/ou moradia. Definiam o judaísmo apenas como uma religião e, portanto, para eles, era perfeitamente possível ser “um judeu dentro de casa e da sinagoga e um cidadão na rua”. Para um *maskil* (ilustrado), um judeu deveria ter um profundo conhecimento de sua história, literatura e idioma ancestrais, mas ser um cidadão exemplar de seu país de nascimento/moradia, abandonando o gueto, as vestes típicas, os costumes supersticiosos e, fundamentalmente, os “dialetos” judaicos peculiares, como o iídiche e o judeu-espanhol, que, para eles, era a marca indelével do isolacionismo e da ignorância do povo.

Não era apenas o caso de adaptar ideias sociopolíticas à literatura, embora em muitos casos o fosse, mas ver, sentir e produzir a literatura como um instrumento de criação e de difusão de ideias, desejo de ver tais ideias na realidade e, é claro, fonte de prazer estético e renovação da língua. Não é à toa que todos os teóricos do nacionalismo judaico viam a literatura como a grande guardiã e elemento criador da nova consciência hebraica (e não mais judaica), indispensável para o sucesso do renascimento nacional. Daí o hoje famoso lema dos primeiros imigrantes: “viemos para construir-te, ó terra, e em ti sermos reconstruídos”, no meu ver,

pungentemente expresso nos versos de Rachel (20 de setembro de 1890, Quirov, Rússia – Tel Aviv, Mandato Britânico 16 de abril de 1931).

Rachel Imigrou para a Palestina em 1909 e sua obra é uma das mais pessoais e, de certa maneira, destoante da literatura da época, pois além de poemas típicos e em consonância com os preconizados pela literatura da *Haskalá*, como o trabalho no campo e a reconstrução do país; aos quais realmente se dedicou em sua vida cotidiana, possui uma verve intimista e romântica (no sentido amoroso do termo). Assinava suas obras apenas como Rachel, quase nunca as datando (a maioria foi produzida na década de 1920). Frequentemente fazia analogias entre sua vida e as das escrituras bíblicas sobre a matriarca homônima. Seu legado foi seguido, e ainda o é, por inúmeras poetisas. Vejamos um exemplo pungente deste tipo de poesia: Rachel passou a ser conhecida como Rachel MiKinêret (Rachel de Kinêret, região da Galiléia), pois passou grande parte de sua vida na Palestina como membro da Kvutzat Kineret (Colônia Kinêret), mas, por amar a região e ter decantado suas belezas naturais, hoje em dia é mais conhecida pelo lugar em si, onde se encontra sepultada, do que por sua adesão ao grupo citado.

Um cantil na mão, sobre os ombros uma enxada Um ancinho e uma cesta
Para os campos distantes, para a labuta
À direita – montanhas como sentinela A amplitude das searas à minha frente
E regozijam-se em mim as minhas vinte primaveras
Minha contribuição até que chegue meu fim Os teus grãos que brilham ao sol
E a poeira dos teus caminhos, minha terra
(RACHEL. “De Madrugada”. In: OLIVEIRA, 2021)

Muitas ideias nasceram, adaptadas de teorias europeias ou não, primeiro em obras literárias para depois ganharem a arena dos debates públicos na imprensa judaica, hebraica e iídiche. A Literatura em hebraico na Europa Oriental, a princípio, utilizava uma linguagem pomposa e artificial, que pretendia reproduzir a linguagem da Bíblia, por meio de citações e alusões, o que demandava do leitor grande *expertise* no idioma, (Miron, 1998, p. 101). Neste contexto, a língua fez sua estreia no gênero narrativo com o romance de A. Mapu, *Ahavat Tzion*, “Amor a Sião”, ainda na Europa, em 1853.

Nesta obra, são encontrados todos os ingredientes de um típico romance romântico: amor, melodrama folhetinesco, relevo dado à descrição e animização da paisagem (da Palestina dos templos bíblicos, mais imaginada do que real), melodrama, amores impossíveis e desencontrados. Em suma: a reinvenção e a idealização do universo histórico bíblico bem ao gosto de meados do século XIX. Vejamos um trecho:

Mas então Amnon bradou com voz pavorosa:

- Cuidado, minha ama!

E Tamara levantou os olhos e de repente o temor da morte abateu-se sobre ela, pois do juncal um feroz leão emergira. Calmo e confiante, saltou para frente, orientando os poderosos passos em direção às ovelhas do outro lado do córrego. Então recuou um pouco, retesando-se para arremeter-se com um bote feroz sobre o rebanho, que seus olhos perfurantes fixavam. Mas como um raio, Amnon distendeu seu arco, e um instante após o leão lançou um tremendo rugido e silenciou, pois, a flecha de Amnon lhe atravessara o coração, e caiu em sua trilha a menos de dez passos de Tamara, que desmaiou de terror. Largou o rebanho e precipitou-se através do riacho, detendo-se junto à Tamara inteiramente confuso, pois ela não denotava quase sinal de vida. (GUINSBURG, 1966, p. 29)

Nas palavras de Guinsburg (1966, p. 22), o trecho citado, que pertence ao capítulo IV do romance,

... vale não só como uma ata de nascimento do romance hebraico contemporâneo, mas ainda como um documento incomparável da escola romântica no âmbito judeu. Todos os traços que caracterizam mais ou menos universalmente esta escola aparecem aí revestidos na lenda e nos trajes de Israel na antiguidade: a exaltação do campo, da pureza primitiva, em face da cidade; a predestinação do herói, com a complexa intriga de sua realização, os acasos providenciais e folhetinescos, o melodrama sentimental e o primado das razões do coração, os desmaios tão ao gosto do culto da delicadeza e da deliquescência femininas do século XIX, bem como, em meio a tanta irracionalidade, um preito velado ao bom burguês. É claro que, por outro lado, não faltam os elementos tipicamente judaicos. E estes não se limitam aos dados históricos. O estilo, por exemplo, se liga diretamente às formas narrativas bíblicas, sobretudo ao Velho Testamento, enquanto se sucedem as referências se não aos fatos, aos problemas que preocuparam os adeptos da *Haskalá*. Daí por que, embora se sinta a cada momento a presença de Dumas Pai ou de Victor Hugo, as personagens do escritor judeu não se reduzem a decalques de modelos alheios e conseguem falar uma linguagem própria. É indubitável que Mapu soube fundir, segundo uma fórmula inteiramente pessoal, todos os ingredientes colhidos na tradição e no século, convertendo-os numa primeira expressão do estro romanescos hebreu. (GUINSBURG, 1966, p. 24)

Também na poesia, o estro bíblico e sentimental é vertido em estrofes que lamentam o exílio dos hebreus e sua nostalgia por Sião, com declarações vagas e hiperbólicas de amor ao torrão natal de sua cultura e ao sonho de para lá voltar. O próprio hino nacional de Israel, “A Esperança”, composto por esta época por Naftali Hertz Imber, um judeu galiziano, (curiosamente, mas não incomumente, utilizando uma melodia popular ucraniana) é a expressão acabada deste tipo de poesia, com palavras e expressões rebuscadas, que, às vezes, são raras até no próprio texto bíblico (arcaísmos, por exemplo):

Enquanto para dentro do coração Uma alma judia pulsar

E na direção do oriente, adiante Um olho para Sião observar
Ainda não terá desaparecido a nossa esperança A esperança De sermos um
povo livre em nossa terra Terra de Sião e de Jerusalém
(IMBER, 1878)

Neste ponto, gostaria de começar um diálogo com as *Teorias da Falta* e, de certo modo, do *Novo Mundismo*, de Jobim (2020, disperso): em uma época de nacionalismos que se assentavam sobre três pilares principais (povo, terra e idioma nacional), o que tinham os judeus europeus para se apoiarem?

Não eram considerados um povo, mas um grupo religioso, principalmente após as emancipações napoleônicas e a crescente laicidade (principalmente dos poucos judeus residentes em cidades), competentemente difundida pelos ideais da *Haskalá*; estavam espalhados por virtualmente todo o continente (não possuíam a prerrogativa da territorialidade) e eram falantes nativos de inumeráveis idiomas, judaicos ou não (o que não os “unificava”, ao menos “vernacularmente”). Tal estado de coisas definitivamente não os habilitava, segundo a teoria nacionalista mais em voga e mais difundida, a herderiana, a quaisquer pretensões emancipacionistas. Eram considerados um povo cosmopolita, urbanos e “sem raízes”. Incapazes, pela falta dos próprios requisitos do tripé herderiano, de fundarem por si sós uma nação, na aceção do século XIX do termo.

No meu entender, aparentemente, estamos aí diante de um caso clássico e acabado da *Teoria da Falta*: falta povo, falta terra, falta idioma. Nas palavras de Jobim:

Uma das heranças do *Novo Mundismo* são as teorias da *falta*. Essas teorias são derivadas da produção de sentidos europeus sobre os “domínios” incorporados no processo de colonização. Desde sua formulação inicial, foram extremamente difundidas em países com herança colonial europeia, como o Brasil. Elas implicavam uma estruturação de saberes que, direcionada a estes “domínios” e, alegando dar a conhecer a “nova realidade” presente neles, de fato criava representações dos territórios e povos dominados, a partir de modos de ver oriundos do velho continente. Assim, através de um olhar comparativo, em que o critério de avaliação usado na comparação era basicamente europeu, produziram-se julgamentos sobre o Novo Mundo, nos quais se utilizava a Europa como régua para medir o que se encontrava. Se não existisse lá algo que no Velho Mundo era considerado relevante, então essa ausência era considerada uma falta. (JOBIM, 2020, p. 12)

Entretanto, em contraste com a perduração das *Teorias da Falta* no século XIX na Europa sobre o Novo Mundo, no mundo Judaico europeu da época em relação à Palestina tais teorias tiveram suas origens em múltiplos fatores: na dispersão milenar dos israelitas da Terra Santa; no seu estabelecimento precoce em terras europeias (inicialmente Península Ibérica e Balcãs);

na criação de reinos cristãos e a difusão de seus costumes, tanto na Palestina quanto na Europa, e com o conseqüente banimento dos israelitas do Oriente Médio. Tudo isso em conjunto, exacerbou o desconhecimento dos judeus das reais condições demográficas e econômicas do território pretendido como sua “nova-velha pátria”

Lá, no Crescente Fértil, faltava o que há muito a tradição religiosa, escrita e até mesmo oral, afirmava que houvera, e houvera em abundância. Em seu lugar, nada, ou quase nada, minimamente reconhecível haveria ficado; nada ou quase nada se sabia se havia perdurado ou o que porventura ainda remanescesse poderia certamente estar irreconhecível, mudado, deturpado e, até mesmo, irrecuperável. Neste sentido, a Palestina, para os judeus Europeus, era um Novo Mundo. Um Novo Mundo que deveria ser resgatado e restaurado de acordo com os relatos das fontes clássicas judaicas sobre a região; sujeito ao mesmo *modus operandi* do *Novo Mundismo* Europeu aplicado às novas colônias.

A verdade é que, além do total desconhecimento das condições de vida da Palestina (imaginada como despovoada, por exemplo), os judeus da Europa nada sabiam até mesmo de comunidades judaicas mais próximas. Anedótico já é o fato de que ao ouvirem falar sobre o Sionismo, judeus da elite do Marrocos solicitaram ao Movimento Sionista Mundial, maiores informações sobre o movimento e, pasmem: a direção do movimento enviou-lhes panfletos e publicações redigidos em iídiche, em vez de em francês, idioma falado pela elite judaica daquele país. (MALKA, 1991, pp. 84- 85).

Decerto que milênios de cultura judaica acumulada na Europa não poderiam desaparecer, e nem seria possível que desaparecessem, da noite para o dia apenas pelo desejo de restauração de um mundo perdido e quase mítico, sobrevivente apenas nas fontes clássicas e na memória do povo (justamente pela continuidade da importância cultural destas mesmas fontes clássicas). Mas, pelo princípio operacional da *Teoria das Faltas*, essa plêiade de elementos culturais alienígenas em relação às fontes clássicas e tradicionais deveria ser domesticada, anulada e, quando muito, posta à margem do que se pretendia para esta “Nova-Velha Pátria”.

Desta maneira, parte substancial do caldo cultural judaico-europeu foi deixado de lado neste primeiro momento de tentativa de renascimento nacional, porque assim o deveria ser. Seja por não ser adequado para as funções culturais pretendidas no novo sistema de valores a ser criado/restaurado, seja por ser execrado e “malvisto”, seja por pura negligência e/ou falta de atenção dos renovadores dos novos/velhos valores nacionais. Isso não significa que desapareceu por completo. Significa que apenas foi “empurrado” para a periferia da cultura, como elemento marginal e lá permaneceu até ser resgatado, ou não, para exercer novas funções culturais vistas como necessárias, imprescindíveis e/ou criadas pelas novas circunstâncias pelas

quais os judeus foram obrigados a enfrentar quando o sonho, quase impossível, de estabelecer seu Estado na Terra Santa começou, cada vez mais, a parecer viável. (Even-Zohar, Itamar. 1998, disperso).

Voltando aos primórdios da produção literária moderna hebraica, ficou claro que os procedimentos estéticos e até ideológicos da literatura romântica da *Haskalá*, apesar de redimensionar a produção literária do idioma, antes quase que exclusivamente voltada para a religião e agradar ao gosto ocidentalizado do ilustrado judeu burguês, tal literatura, cedo ou tarde, tornou-se insatisfatória como solução nacionalista nas letras hebraicas, pois mantinha poucos ou nenhum vínculo com qualquer identidade judaica contemporânea, não apresentando inspiração para debates e planos de ação que visassem a uma solução para os graves problemas que o povo enfrentava na modernidade. A seu favor, pode-se dizer que também este não era seu projeto nem seu intento.

Jobim (2020, p. 85-86) debruçando-se sobre a geopolítica das línguas, menciona que

Édouard Glissant já escreveu que os escritores antilhanos, por não terem uma continuidade literária (*continuum littéraire*), como a que tinham os franceses, deram início ao seu trabalho na modernidade, sem a “fluidez atávica da língua” de que desfrutavam os escritores franceses:

Glissant considera que a tradição antilhana não é escrita, é oral, e que sempre esquecemos essa coisa banal, conhecida, que é tão evidente para ele.

Glissant fala de uma oralidade que ainda não teria encontrado suas regras de escrita (em contraste com as literaturas que já as teriam encontrado há muito tempo), ressaltando que isso significaria ter de fazer uma passagem do oral para o escrito rapidamente (em contraste com os muitos séculos em que essa passagem teria ocorrido na França).

Jobim também afirma (2020, p. 86): que Pascale Casanova acreditava que, em razão do prestígio de textos escritos em certas línguas, haveria, no universo literário, línguas reputadas como “mais literárias” do que outras. Pascale argumentava, de maneira eurocêntrica, que a literatura está ligada à língua ao ponto de que as pessoas tendem a identificar a língua da literatura (a língua de Racine ou a língua de Shakespeare) à própria literatura. E que uma grande literatura ligada a uma língua supõe uma longa tradição. Vejamos a citação:

O fato da renovação da literatura hebraica (aqui a palavra “renascimento” não é adequada, pois a produção literária em hebraico nunca cessou, especialmente na Europa, desde que a língua deixou de ser usada como língua cotidiana lá pelo ano 200 da nossa era) e o renascimento da língua hebraica como língua falada na Palestina, do final do século XIX à criação do Estado de Israel, em maio de 1948 deve ser visto de outra perspectiva. Jobim expõe em seu livro que a questão existente na literatura antilhana, a saber, a falta de nexos, organicidade, entre tradição

oral e língua escrita e a indivisibilidade entre língua e literatura na Europa (língua de Shakespeare, língua de Dante etc.), tem muito a ver com a retomada do fazer literário judeu/hebreu na Palestina otomana dos anos de 1880 e, posteriormente, britânica (a partir dos anos de 1920 a 1948).

O caso aqui é mais complexo e contrário em alguns pontos ao levantado: o hebraico já era uma língua literária atestada e produtiva há quase ou pouco mais de 4 mil anos e já tinha também seus "epítetos": Língua Sagrada, Língua de Deus, Língua dos Sábios, Língua dos Profetas, Língua da Revelação, Língua de Ever etc. Ou seja, uma língua que já possuía uma longa tradição escrita, laica e religiosa, não cessando sua produção nem mesmo quando seus falantes a esqueceram por completo em sua comunicação diária.

O nexos, a organicidade buscada pelos escritores judeus da Palestina a partir dos anos de 1880 não era entre uma tradição oral e língua escrita, pois a tradição oral judaica já há muito havia passado a ser expressa nas línguas dos países de residência dos judeus ou nas assim chamadas "línguas judaicas", como o ladino e o ídiche, mas sim uma readequação de uma literatura ancestral, que havia perdido seu lastro, seu elo, com a oralidade, a uma literatura de um mundo moderno e em constante mudança, bem como a revitalização da língua falada aos moldes desta língua ancestral, escrita. E o elemento que produziria este amálgama seria a tão mencionada e muitas vezes pouco compreendida "cor local".

Creio que há, às vezes e em se tratando de literatura, um equívoco e uma falsa sinonímia atribuída entre as palavras "renovar" e "criar": como argumento, uso dois exemplos cotidianos que talvez nem deveriam estar presentes em um texto acadêmico, mas acho que 19 anos de experiência de ensino, pesquisa e escrita na área me permitem a ousadia: uma mulher que sempre usou vestido e passa a usar calça está se renovando ("renovando o visual"); assim como um homem que sempre usou barba e decidiu escanhoá-la está a renovar-se também! Ora: mulheres ao decidirem usarem calça e homens prescindirem de usar barba não estão inventando nada de novo, mas estão incorporando renovações a seus repertórios estéticos. Neste sentido, não estão a fazer o que nunca ninguém fez antes; mas apenas incorporando a seus repertórios elementos disponíveis na cultura estética que estavam na periferia de suas perspectivas.

Tal é o caso da literatura da *Haskalá* e de sua sucessora, a Nova Literatura Israelense: as pessoas e, também as culturas (e a literatura é parte integrante da cultura), estão acostumadas a buscarem renovação estética em um repertório já existente, familiar e tanto quanto possível, funcional, mesmo que tais elementos neste repertório estejam marginalizados e/ou encontrem-se na periferia da cultura. (Even-Zohar, Itamar. 1998, p. disperso).

E este justamente foi o caso da literatura romântica da *Haskalá* em seus primórdios:

buscar modelos no centro da produção literária contemporânea do período, mesmo que “estrangeiros”, para renovar-se, mesmo que com o passar do tempo os mesmos tenham se mostrado inadequados e suscitado respostas também inadequadas por parte de seus (poucos) leitores. A renovação, frequentemente, não anda de mãos dadas com o ineditismo. Trocar tratados talmúdicos e exegéticos por um romance com heróis e heroínas, romance e aventura, peripécias e arroubos amorosos já é um grande passo e uma grande renovação para uma literatura de quatro mil anos de idade e acostumada a assuntos sérios e sublimes. Buscar popularizá-la, um passo mais gigantesco ainda.

A necessidade que se apresentou, então, para a próxima geração de escritores, muitos já radicados na Palestina, foi não só a de reviver os motivos tradicionais judaicos, mas a de principalmente rever estes valores, revitalizando-os à luz da modernidade e lançando mão do extenso e milenar repertório escrito e, porque não, falado (seja em qualquer língua de expressão judaica). Neste sentido, muitos hebraístas voltaram-se para o ídiche (malgrado o virar de cara de alguns puristas) como forma não só de revitalização da cultura tradicional do idioma popular, mas também como possível fonte de renovação e vernacularização do hebraico e como um modo de fincar os pés na realidade, como instrumento de crítica social do judeu da aldeiazinha e de sua estrutura estagnada. Similarmente aos romances de costumes das cortes europeias e brasileiras, tão comuns no romantismo. Seu objetivo, talvez até ingênuo, é o desejo romântico de reabilitar valores que se encontravam atrofiados e adaptá-los à modernidade, ressaltando sua validade intemporal. Valores da ética, da solidariedade comunal e da dignidade humanas.

Para esta tarefa literária mais profunda e complicada, o hebraico pseudo-bíblico da primeira geração de ilustrados hebraístas, muitos dos quais imigraram para a Palestina na década de 1880 (formando parte de um grupo denominado Bil”u, acróstico de *Beit Ya’akov Lechu UNilchá*, (“Casa de Jacó, vá e vá”) não era mais instrumento adequado, e mesmo o universo dos procedimentos estéticos-formais do romantismo europeu já se mostrava insuficiente para a gama de significados pretendidos pelos escritores e para suas ambições estéticas e ideológicas. Tal grupo era composto por judeus lituanos que tinham por objetivo assentarem-se na terra de Israel seguindo os princípios do Sionismo Cultural de Ahad HaAm (“Alguém do Povo”, pseudônimo de Asher Guinsberg), expoente do “Sionismo Cultural”, sem qualquer pretensão ou reivindicação a um Estado soberano na Palestina. Apenas levar uma vida mais genuinamente hebraica, trabalhar a terra e falar hebraico como idioma do dia-a-dia. Deste grupo, faziam parte Eliezer Ben Yehuda, o pai do Hebraico Moderno, sua esposa Tamara e seu filho recém-nascido, Amnon; a primeira criança a ser considerada falante nativa de hebraico em 1700 anos. Este grupo é considerado como a primeira *Aliá* moderna (onda de imigrantes)

para Israel.

Sendo homens cultos e afeitos às manifestações culturais de seu tempo, os seguidores da segunda geração da *Haskalá* (na Europa e na Palestina) começaram a ecoar em seus romances, contos e poesias, todas as correntes estéticas de fins do século XIX: naturalismo, simbolismo, imagismo, parnasianismo, e, mais tarde, modernismo em geral. Porém, acima de tudo, ainda paira a ideologia romântica, configurada no ideal nacionalista de retorno à pátria e o compromisso visionário e atuante do poeta para com o social e o coletivo: o poeta como vate, como profeta (GUINSBURG & TAVARES, 1969, pp. 11-12).

Quanto ao idioma hebraico, no intuito de flexibilizá-lo e adequá-lo mais ainda à ampliação de temas e noções tratadas nas obras, procurou-se utilizar elementos de todas as fases de suas fontes escritas (Bíblia, *Mishná*, Talmude, orações, tratados filosóficos e científicos, relatos de viagens, poesias medievais etc.) e, mesmo, neologismos; tendo em vista suas características gramaticais intrínsecas ou inspirando-se em elementos hebraizados e aramaizados do iídiche e sua prosódia.

Mas, apesar de serem mestres no idioma e se esforçarem para seguir as injunções sionistas de falar apenas hebraico no novo ambiente, ainda assim eram imigrantes e políglotas, cujas línguas maternas eram o iídiche e diversas línguas europeias. Na Palestina, o hebraico ainda carecia de uma população falante nativa do idioma em idade de produzir e consumir literatura, o que levou críticos literários, teóricos e escritores a polemizarem em torno da seguinte questão: seria a literatura em hebraico, produzida por não falantes da língua, baseada, nas mais diversas combinações, nas fontes escritas clássicas do idioma ser considerada uma literatura genuinamente nacional, que refletisse o espírito do povo e assegurasse seu desenvolvimento autônomo?

Na opinião de Ahad HaAm, pseudônimo de Asher Guinsberg, não: para ele, uma literatura genuinamente nacional é aquela que está efetivamente baseada em um idioma falado por seus produtores, no qual as palavras não são percebidas apenas por seu valor denotativo, mas pelas associações derivadas de seu uso imediato e pessoal, à fala, a outras palavras e noções, criando um campo semântico que propicia a emotividade e o prazer estético nos leitores nativos. Para o teórico, o efeito derivado dessas condições não seria possível na conjuntura de produção da literatura em hebraico sua contemporânea, que só poderia aspirar a ser uma literatura de conceitos e ideias, mas não como um solo da emotividade estética dos leitores, porque para isso, necessitaria de uma “normalidade linguística e cultural”. (MIRON, 1998, pp. 98-99).

HaAm encontrou oposição naqueles que mais estavam interessados na questão: os

escritores. Seu maior opositor, que contava com um bom número de seguidores, foi Mikha Yossef Berditchevski, cujo rebate às ideias de HaAm seguia as premissas de que uma literatura de expressão emotiva poderia ser alcançada dentro dos limites de um idioma não-falado, desde que seu léxico fosse posto constantemente em uso de maneiras novas, pois os estados emotivos, por si sós, geravam necessariamente a expressão emotiva adequada. Ao curso de dois mil anos de história, com a destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 D. c., o hebraico não deixou de se desenvolver naturalmente na escrita e, com o começo da nova colonização judaica na Palestina, artificialmente na fala. Portanto, em sua visão, a única expressão literária autêntica em hebraico seria o idioma literário, não falado. (MIRON, 1998, p. 102)

Berditchevski considerava que a autenticidade e a criatividade literárias provinham daquilo que efetivamente se passava dentro do âmbito da cultura em que aquela literatura se desenvolvia, portanto, a literatura mais autêntica no momento em questão seria aquela que sentisse e exprimisse direta e profundamente os dilemas da cultura judaica, com um sentido agudo da deficiência e da privação nacionais.

Por não considerarem que uma “normalidade” linguística e cultural aos moldes de HaAm fosse condição essencial para a existência de uma literatura autêntica, os grandes mestres da prosa e da poesia hebraica das duas primeiras décadas do século XX, tais como Brenner, Agnon, Gnessin, Bialik e Tchernichovsky, criaram a partir de todas as fontes escritas disponíveis do hebraico, um rico idioma conotativo, por meio de um sistema “complexo de alusão e contra alusão, citação e citação incorreta, imitação e paródia. Assim, sua linguagem podia ressoar com uma quase infinidade de associações e nuances” (MIRON, 1998, pp. 101-102).

Esta atitude literária frente ao idioma, encontrar a expressão linguística adequada frente a uma realidade cultural específica, teve sua mais acabada expressão na questão da “cor local” (que, ao contrário do que muitos ressaltam, não se restringe à descrição e à exaltação do ambiente natural, da natureza, na qual as personagens se movem e seus dramas se desenrolam). Essa ânsia pela cor local também, e talvez principalmente, estende-se pela descrição e análise do ambiente cultural em questão, pois presumivelmente conferiria autenticidade e verossimilhança ao texto e ao mundo narrado, mesmo que aos olhos de hoje soe como algo datado, exótico e folclórico. Neste sentido, não se hesitou também lançar mão do vocabulário árabe corrente à época e incorporar seus costumes a personagens judeus, como forma de melhor integrá-los à paisagem, o que nos remete à *Teoria da Aclimação* (embora muito mais literária do que real).

A utilização do léxico árabe e dos costumes culturais de seus camponeses, beduínos, árabes habitantes das cidades e das elites locais; a relação dessas populações com os novos

imigrantes judeus, a diferença de nível relacional dos árabes com os recém-chegados e com as comunidades judias que nunca haviam abandonado a Palestina, bem como as descrições e análises de suas matrizes culturais; conseguem “pintar” um retrato vivo e convincente das relações sociais e econômicas da Palestina Pré-Mandato e Pré-Independência, nos quais se refletem sua história e sua vida cotidiana de uma maneira mais “realista” do que as antigas convenções europeias sobre o tema e do que os fantasiosos e, não raro, preconceituosos relatos de viagens anteriores à região.

Assim, as imagens híbridas de camponeses judeus que apascentam seus rebanhos às margens do Jordão usando “panos árabes” na cabeça, ao mesmo tempo em que usam botas cossacas e entoam melodias sentimentais oriundas das margens do Rio Dom, que tem sua nascente ao sul de Moscou, na cidade de Tula, com sua dieta baseada em queijo de cabra, azeitonas verdes e pão pita mergulhado em azeite de oliva, mais do que o que se chamaria hoje de uma “apropriação cultural”, representa um desejo de integração à paisagem, de uma *aclimação*, emulando os elementos culturais que consideravam importantes e representativos na cultura local para serem sentidos e vistos como “um local” e, ao mesmo tempo, sem deixar de valorizar as raízes milenarmente perdidas.

Se o camponês e o beduíno árabes eram o que mais próximo havia restado dos israelitas ancestrais, cabia e era perfeitamente válida sua (re)valorização e tomada de modelo com o qual o novo imigrante judeu deveria se identificar em sua (re)*aclimação* ao lar ancestral de sua cultura milenar: sua ligação telúrica com o espaço e a natureza, sua simplicidade ancestral, sua bravura e sua ética peculiar.

Desejosos de glórias e heroísmo, em contraste com os séculos de dominação e segregação na Europa, os ilustrados judeus passaram a valorizar os períodos da história bíblica em que tais elementos poderiam ser encontrados: a conquista de Canaã, as vitórias e unificação do reino sob o Rei David, a revolta dos Macabeus, e os vários movimentos de revolta contra a dominação romana (Bar Kochba, Massada). Ética e religião ainda eram tematizados neste período, mas perdiam cada vez mais terreno para a reinvenção daquela época histórica e, presumivelmente, heroica.

Outra vertente da época, a poesia de amor romântico, principalmente escrita por mulheres, não deixa de comparecer na miríade de gêneros textuais hebraicos da palestina Pré-Independência, uma época hoje chamada em Israel de *Ishuv* (comunidade). Uma das pérolas do gênero, e uma das mais conhecidas, tanto pelo seu alto poder sugestivo e pela comparação entre o nome da autora e a da Rachel bíblica, quanto por ser uma das primeiras poesias hebraicas a incorporar rimas e métrica ocidentais em sua composição é a poesia “Canção Triste”:

Ouvirás minha voz, meu ser distante, meu Ouvirás minha voz onde quer que estejas
Uma voz clama com força, uma voz chora no meu sangue E por sobre o tempo, ordena uma prece

Vasto é este mundo e muitos os seus caminhos Encontram-se por um minuto, separam-se para sempre O ser humano busca, mas tropeçam suas pernas
Não poderia encontrar o que se perdeu

O último de meus dias já esteja próximo talvez
Já esteja próximo talvez o dia das lágrimas de separação Esperarei por ti até que se apague minha vida
Como a espera de Rachel por seu amado
(RACHEL. *Canção Triste*. In: OLIVEIRA, 2021)

Porém, deu-se o início da imigração judaica organizada para a Palestina (*circa* 1904, a chamada *Segunda Aliá*), composta por jovens judeus europeus, não só desejosos de uma vida diferente, em todos os aspectos, da de seus ancestrais, e que eram recrutados por diversas organizações judaicas do continente, como a Organização Sionista Mundial e a Alliance Israelite Universale, e literalmente treinados para tal antes de serem enviados a seu destino final.

Tais jovens passavam por “educação ideológica” (onde lhes eram incutidos valores socialistas-trabalhistas-coletivistas), aprendiam técnicas agrícolas de cuidado, recuperação e cultivo de solos e, parte importante, língua hebraica. Mais tarde, este processo passou a se dar na própria Palestina, quando a Agência Judaica (braço da OSM) passou a ser o principal órgão de diálogo da comunidade judaica da Palestina tanto com os mandatários britânicos quanto com as comunidades judaicas na diáspora.

As características da *Segunda Aliá*, que era tida por uns realmente como a *Primeira Aliá*, visto que organizada e não espontânea e “desorganizada”, como a do grupo *Bil’u*, da segunda metade da década de 1880, e pelas especificidades do novo ambiente em que os judeus operavam e a própria necessidade de que se desse a imigração (recrudescimento das perseguições antissemitas, aumento generalizado na miséria dos judeus na Europa Oriental e, sobretudo, a hegemonia crescente do recém-fundado movimento Sionista), dirigiram os passos dos escritores hebreus para novas soluções literárias quanto ao aspecto do nacionalismo literário.

Entram em cena no recente sistema literário judaico da Palestina (composto principalmente por periódicos literários) os dilemas e perplexidades dos judeus divididos entre a tradição e a modernidade, corrente mais ligada à poesia, mas que também rendeu frutos na prosa, mormente nos contos, e a figura do *talush*, desenraizado: a personagem do judeu

desligado da tradição, mas que não consegue se identificar positivamente com o ambiente da Palestina (Even-Zohar, Basmat., 1998, disperso). Ao mesmo tempo, o modelo do judeu tradicional da diáspora surge tematizado literariamente, enquanto símbolo do anacronismo judaico europeu que, tanto quanto o *talush*, não se enquadra na modernidade. Uma magistral descrição do *talush* encontramos no conto “Israel Tzvi”, de I. Schenhar:

(...) Quando Israel Tzvi logrou dar forma completa ao pensamento, juntou os restos de seus bens e foi para a Terra de Israel.

Aí, uniu-se a um grupo de pessoas de diferentes países, que pretendiam cultivar a terra, cada qual por seus próprios meios. Tendo encontrado o que procurava, pagou a sua quota à caixa do grupo e, chegado o dia, estabeleceu-se com os companheiros no lote que lhes foi adjudicado na vizinhança de uma velha colônia.

- Certa vez, divisei de longe a luz do pátio de Israel Tzvi. Era depois da meia noite. Todas as estrelas já haviam despontado e eu cavalgava minha égua. O que terá acontecido? Indaguei aos meus botões. Aproximei-me e vi Israel Tzvi saindo de sua barraca com uma lanterna na mão. Caminhava em direção da horta... para que? Ora, para ver como crescem as mudas de tomate nos viveiros. É o que lhes digo! E depois foi ao galinheiro. “Que diabo está fazendo aí a esta hora? ”, perguntei. “Estou preocupado com as galinhas”, replicou. “Elas se empoleiram nas vigas dos galinheiros e ficam aí a noite inteira. E se de repente começam a botar ovos? Eles cairiam no chão e se quebrariam”. Foram exatamente estas as palavras de Israel Tzvi, o lavrador, juro. Mas não é só. Um sábado dou com ele parado no meio do campo, com os braços estendidos feito um espantalho. Queria afugentar os pássaros que vinham bicar as sementeiras.

Os companheiros ouviam deliciados e prorrompiam em estrondosas gargalhadas. Israel Tzvi também escutava, sorria e meneava a cabeça, mudamente. (GUINSBURG, 1966, pp. 229-230)

Concomitantemente, em textos de autores mais periféricos, outros modelos de personalidades judaicas começam a ser construídos, sendo os dois mais importantes, pelo papel que desempenhariam mais tarde na literatura central de Israel, os do *eretz*- israelense novo e o do hebreu novo. O primeiro provém de antigas convenções românticas dos iluministas, mescladas com aspectos da nascente realidade israelense. Representa um judeu nativo de Israel, falante nativo de hebraico, ereto, agradável e enraizado. Porém, mantém algum vínculo com a imagem do judeu da diáspora, no que tange à sua ligação com a religião e com a manutenção da tradição, em uma típica tentativa de inspiração “haskaláchica” de modernização da vida judaica e, também, índice da educação sionista recebida de seus país. Não é à toa que o único livro que este tipo de personagem mantém sobre sua mesa é a Bíblia Hebraica.

Em contraste, o modelo do hebreu novo começa a aparecer no repertório periférico da literatura hebraica produzida em Israel com o crescimento da imigração organizada, ideológica e trabalhista. Tal modelo assumirá papel central na literatura israelense dos anos de 1940.

Apresenta um homem ereto, orgulhoso, ligado à terra, ético e politicamente consciente. Geralmente é um imigrante, mas que, por motivos ideológicos, é falante de hebraico. Ao contrário do *eretz*-israelense novo, agricultor proprietário, o hebreu novo é um operário ou guarda e costuma exprimir suas opiniões sociais, pautadas pelo socialismo trabalhista, negligenciando ou renegando a religião. (Even-Zohar, Basmat, obra citada, pp. 45-46).

Tampouco o modelo do hebreu novo correspondia exatamente a uma realidade israelense, mas principalmente ao que se pretendia naquele momento como modelo de um futuro cidadão israelense. Sua passagem gradual da periferia cultural à literatura do *establishment* editorial, reflete sua gradual implantação na realidade do país, mostrando a força de uma literatura ideologicamente orientada em não apenas criar, sistematizar e disseminar modelos desejáveis de comportamento social, mas também a potencialidade de os tornar uma realidade social.

Entretanto, apesar de o modelo do hebreu novo (que na literatura dos anos de 1940, com algumas mudanças e adaptações, advindas tanto da Segunda Guerra Mundial, da posterior independência do país e da imigração em massa de judeus do Norte da África e do Oriente Médio, passará a ser chamado de *tzabar*, sabra), ele jamais representou o todo desta sociedade; que desde o início privilegiou a cidade em detrimento do campo e o comércio em detrimento dos trabalhos manuais.

Em contraste com outras literaturas orientadas pelos ideais do romantismo, a nascente literatura de Israel dialogou de maneira explícita com elementos estrangeiros no estabelecimento do caráter nacional. É o caso da tematização da vida dos camponeses e beduínos árabes que habitavam a Palestina. O que é um contrassenso, uma vez que um dos lemas dos sionistas (após o início das imigrações organizadas para a Palestina) era “uma terra sem povo para um povo sem terra”, alegando não só o abandono da região pelo governo de Istambul e os benefícios da colonização judaica para a mesma, mas também um suposto vazio demográfico da área; o que, de maneira alguma, correspondia à verdade: estima-se a população árabe da Palestina em fins do século XIX e começo do XX em nada menos do que 500 mil indivíduos.

Decerto a utilização desses elementos reflete as diretrizes da “cor local”, mas o modo de vida “telúrico” das populações árabes é valorizado como modelo positivo para a ligação que o colono judeu e o futuro nativo de Israel deveriam ter para com sua terra, mesmo que a contraparte “irracional”, “atávica” e “atrasada” da cultura do *felá* (camponês árabe), aos olhos europeus, também fosse ressaltada.

Porém, o tema mais trabalhado na literatura romântica israelense já produzida na Palestina foi a valorização da natureza. Índice da suposta superioridade moral e de valores do homem do

campo em relação ao da cidade (influência do mito iluminista e árcade, na Europa, do “mito do bom selvagem” e do nativismo), a natureza também era tida como elemento refletor do estado de alma do eu lírico na poesia como um fator responsável pela “cor local” das literaturas nacionais.

O decantar da paisagem natural da Palestina foi utilizada pelos escritores hebreus de duas maneiras: como mostras de amor e ligação do povo para com o país de seus ancestrais e a paisagem como desafio de transformação por parte dos pioneiros. A primeira corrente gerou uma poesia ufanista e hiperbólica, que deixava transparecer o encanto e a maravilha do imigrante europeu frente uma paisagem de uma beleza selvagem e exótica, como os montes e desertos da Judeia, o caminho costeiro que leva a Cesárea e o Mar da Galileia. Esta poesia de exaltação rendeu das mais belas páginas da poesia em hebraico até então, tendo a seu serviço uma rica imagística e um universo de procedimentos formais oriundos das mais diversas escolas estéticas europeias, desde o Neoclassicismo, passando pelo Simbolismo e pelo Expressionismo, até os experimentos modernistas mais arrojados. Vejamos uma dessas poesias.

Lá estão as Colinas de Golã, estende a mão e toca-as! Na desolação certa
ordena-se: para.

Em solidão angulosa dorme o vovô Hermon E um frio sopra do cume branco

Na praia há uma palmeira de copa baixa

Escondidos os cabelos da palmeira como um menino rebelde

Que deslizou para baixo e nas águas de Kineret E nas águas de Kineret
chapinha as pernas

O que multiplicou as flores no inverno sobre o gelo? O vermelho das
anêmonas e o alaranjado do açafão Multiplicam-se os dias por sete, então
verdeja a grama E por setenta, azula o azul do céu

(RACHEL, “Kineret”, In: OLIVEIRA, 2021)

A segunda corrente, mais periférica no sistema literário nascente em Israel, porém a mais disseminada nos sindicatos e movimentos juvenis, sendo suas poesias geralmente musicadas, ligava intimamente a paisagem ao estado de espírito do pioneiro e à sua vida abnegada e dura. Também apresentava essa paisagem como um desafio aos trabalhadores judeus, que tinham a tarefa de transformar desertos e pântanos em terras férteis e produtivas, abrir estradas e erguer fábricas para o esforço de reconstrução material do país. Surgiram, então, poesias que exaltavam a bravura das sentinelas, o trabalho exaustivo e visionário dos camponeses e operários etc., tudo isso intimamente ligado à paisagem e à natureza que, por um lado, deveria ser amada e preservada e, por outro, produtivamente transformada. Algo próximo da ideia atual de “desenvolvimento sustentável”.

E talvez estas coisas não tenham acontecido Talvez...
Nunca tenha despertado com a madrugada em direção ao jardim
Para trabalha-lo com o suor da minha frente

Nunca, nos dias longos e ardentes de colheita Do alto de uma carroça
carregada de feixes
Não houvera eu entregue minha voz a uma canção

Nunca teria me purificado no azul silencioso e puro Do meu Knéret... Ah, meu
Knéret!
Eras tu, ou sonhei?! (RACHEL, “E talvez”, In.: OLIVEIRA, 2021)

Muitos outros temas, mais periféricos, estão presentes na produção literária nascente em Israel, alguns como desenvolvimento e adaptação da literatura da *Haskalá* europeia, outros nascidos de características próprias do estilo de vida judaica da comunidade pioneira da Palestina; trabalhados de maneiras muito diversas, naturalmente, segundo se encontrassem nas mãos deste ou daquele poeta ou prosador. Entretanto, não serão aqui mencionados, pois escolhemos proceder a um levantamento dos aspectos mais emblemáticos de tais questões.

Examinar manifestações nacionalistas na literatura de determinado país como entendidas pela ideologia do Romantismo, já é, por si, um assunto exaustivo, mormente quando se trata da literatura israelense, que tem aspectos bastante peculiares quanto a este quesito. Por isso, o caminho aqui escolhido foi examinar como a literatura nascente de Israel respondeu às premissas mais gerais e emblemáticas da estética em questão, buscando encontrar suas especificidades em relação a mesma.

O que se constata é que a ideologia romântica cumpriu uma função básica na literatura hebraica/israelense de fins do século XIX e início do século XX: dar corpo e expressão literários ao caráter, desafios e dilemas do povo judeu em uma época de profundas transformações em sua vivência coletiva.

Foi com a literatura de cunho romântico que o sistema literário israelense, mesmo antes da independência do país, se consolidou, tendo como base o tripé autor-obra-público, como explicitado por Antonio Candido (1993, disperso), ao ponto de se conjecturar que, se contradições houve no *modus operandi* e nas condições materiais (políticas, sociais, culturais etc.) de sua produção em relação ao que preconiza a teoria romântica mais geral, em relação a seus objetivos, não as houve: refletir, criar, dar expressão artística e disseminar as tradições, vida, história e cultura deste povo e de sua pretendida nação.

Constata-se que pelo menos um dos vértices deste tripé, o do público, por algumas décadas, foi mais curto que os outros. Na comunidade judaica da Palestina de fins do século

XIX e início do XX, havia pouco mais ou pouco menos de mil pessoal adultas capazes de usufruir destas obras, pois seu nível de compreensão da língua hebraica estava aquém da língua e da linguagem das mesmas, permanecendo os poemas, contos e romances apenas acessíveis a uma elite intelectual (e econômica, por que não), mas não do povo.

Desde o início, este problema procurou ser sanado. Os imigrantes esforçavam-se para falar apenas em hebraico com seus filhos e nas escolas judaicas da região, o hebraico era disciplina mandatória. Entretanto, em 1913, um fato inesperado foi o estopim para uma maior divulgação do hebraico entre a população e o embrião de sua ascendência sobre as demais línguas judaicas, até se transformar no único idioma falado e escrito pelos judeus que já haviam nascido na Palestina: a “Guerra das Línguas”. Nesse ano, um dos braços educacionais da Organização Sionista Mundial, a Agência Judaica Alemã de Amparo estava terminando a construção da primeira escola técnica da região (o que hoje é o *Technion* de Haifa) e decidiu que sua língua de instrução seria o alemão. A decisão não era ideológica, mas sim, prática, pois por esta altura faltavam ainda ao hebraico termos técnico-científicos modernos para os conceitos das disciplinas alvo. Tal fato levou a um intenso debate entre os que defendiam o alemão e aqueles que defendiam o hebraico como idioma de todos os aspectos da vida cotidiana dos judeus palestinos, capitaneados pelo lexicólogo e lexicógrafo Eliezer Ben Yehuda, judeu lituano que imigrou, junto com sua esposa grávida, para a Palestina no ano de 1888 (parte da *Primeira Aliá*, junto ao grupo *Bil’u*). Devido ao esforço de Yehuda e de seus colaboradores, o Hebraico acabou por ser o idioma eleito de instrução de todas as escolas judaicas da Palestina Otomana.

A partir de meados dos anos de 1930 o hebraico falado cotidianamente por nativos, e nativos já aptos a consumir e produzir literatura, cuja estreia na cena literária judaico-palestina mais central data de 1938, já era uma realidade, e uma realidade bem diferente da pretendida pelos renovadores da língua, mas, pela força da tradição, a literatura escrita em hebraico só foi finalmente reatar seus laços com a oralidade em meados dos anos de 1960/1970. Tal literatura, produzida por nativos e consumida tanto por nativos quanto pelos imigrantes veteranos, convencionou-se chamar de literatura da “Geração da Terra”, possível tema de um próximo texto.

Referências

BEREZIN, Rifka; ROZENCHAN, Nancy (org.). *Poesia e prosa de Israel*. São Paulo: FFLCH/USP, série didática 6, 1977.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Vol. 2, 7ª ed. BH/RJ: Editora Itatiaia Ltda, 1993.

EVEN-ZOHAR, Basmat. Entrada do modelo do 'Hebreu Novo' na literatura hebraica. In: *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*. São Paulo: FFLCH/USP, nº 1, ago. 1998, pp. 33-46.

EVEN-ZOHAR, Itamar. O surgimento de uma cultura hebraica nativa na Palestina (1882-1948). In: *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*. São Paulo: FFLCH/USP, nº 1, ago. 1998, pp. 13-31.

GLASSMAN, Jane Bichmacher de. Literatura hebraica israelense pioneira. In: *Principia: revista do Departamento de Letras Clássicas e Orientais da UERJ*. Rio de Janeiro: CEH-IL-LECO/UERJ, nº 2, 1998, pp. 14-26.

GUINSBURG, Jacó & TAVARES, Zulmira Ribeiro (org., introdução e notas). *Nova e Velha Pátria*. São Paulo, Perspectiva, 1966.

GUINSBURG, Jacó. *Guia Histórico da Literatura Hebraica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

JITLOVSKI, Haim. *Teoria da Nacionalidade*. São Paulo: Centro Brasileiro de Cultura Judaica/USP, 1971.

JOBIM, José Luís. Indianismo, nacionalismo e raça na cultura do Romantismo. In: KRAUSE, Gustavo B. (org.). *Literatura e sistemas culturais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, pp. 79-104.

_____. *Literatura comparada e literatura brasileira: circulações e representações*. Boa Vista/Rio de Janeiro: Editora da UFRR/Edições Makunaíma, 2020.

JOHNSON Paul. *A história dos judeus*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

MALKA, Victor. *Les juifs sèfarades*. Paris: Presse Universitaires de France, 1991.

MIRON, Dan. Literatura hebraica moderna: perspectivas sionistas e realidades israelenses. In: *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, nº 1, ago. 1998, pp. 93-119.

OLIVEIRA, Leopoldo O. C. de. Teorias nacionalistas e nacionalismo (s) judaico (s). In: *Revista de Estudos Judaicos*, Belo Horizonte: Instituto Histórico Israelita Mineiro, v. 4, p. 189-199, 2003.

_____. *Israel e Brasil: modelos e contradições do nacionalismo literário romântico*. Vértices: São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004, vol. 5, pp. 99-112.

_____. *Poemas hebraicos traduzidos*. Rio de Janeiro: Mimeo, 2021.

UNESCO. *Vida e valores do povo judeu*. São Paulo: Perspectiva, 1972.